

Oposição se vira como pode para ter um presidencialiável

PT pensa no óbvio, Lula, mas pode lançar Tarso Genro. O PSB quer Arraes e no PPB e PMDB, Maluf e Quéricia perderam prestígio

Marcelo de Moraes
Da equipe do Correio

A vitória do governo na aprovação do projeto que cria a possibilidade de reeleição presidencial teve um duplo efeito. Ampliou as chances de o PSDB se manter no poder, podendo dar um novo mandato para o presidente Fernando Henrique Cardoso e, de quebra, expôs a fragilidade de todos os seus adversários em potencial. O quadro sucessório para 1998 indica Fernando Henrique em grande vantagem, enquanto os eventuais candidatos de oposição não conseguem preservar sua influência entre seus aliados.

“Com a reeleição, o presidente Fernando Henrique tem grandes chances de ganhar em 1998 com mais facilidade do que na última eleição. Se a economia não mudar até lá, isso deve acontecer”, prevê o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

E os adversários ajudam. Dividido, o PT, por exemplo, não conseguiu, até agora, definir qual será a sua posição para a eleição presidencial. Dentro do partido, a situação é incerta. Boa parte dos petistas quer lançar Luiz Inácio Lula da Silva como candidato pela terceira vez seguida.

“Ele é um grande nome e um político carismático”, define o deputado Marcelo Déda, vice-líder do PT na Câmara.

Outros acham que Lula deve ser preservado e não deveria expor sua imagem política concorrendo com Fernando Henrique sem grandes chances. Por isso, o partido poderia procurar opções, como o ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro, elogiado por sua boa administração à frente da capital gaúcha.

“Meu candidato é Lula. Se ele não quiser concorrer, acho que o melhor nome é o de Tarso Genro. Nossa opção preferencial tem que ser pela candidatura própria”, afir-

ma o deputado Paulo Paim (PT-RS).

ALIANÇAS

Pela primeira vez, os petistas estudam até mesmo compor uma aliança ampla para disputar a Presidência abrindo mão da cabeça da chapa. A idéia é juntar numa única candidatura aliados tradicionais, como PSB e PC do B, atrair o PDT e tentar consolidar um acordo com o PMDB. O candidato seria aquele que tivesse mais chances, numa avaliação que seria feita pelo comando desse grupo.

“Nós achamos que essa é a melhor solução. O PDT aceita essa discussão e coloca na mesa o nome do governador do Paraná, Jaime Lerner. Mas aceitamos discutir opções de outros partidos”, afirma o ex-deputado Vivaldo Barbosa, um dos cardeais do PDT.

Fortalecido nas últimas eleições municipais — ganhou as prefeituras de Belo Horizonte, Maceió e Natal — o PSB quer, agora, ser valorizado politicamente. Seus líderes acreditam que o partido pode lançar até candidatura própria.

“Nós temos um nome nacional como o do governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Seria um belo

candidato à Presidência”, diz o deputado Alexandre Cardoso (PSB-RJ).

INEXPERIENTE

Seria, mas não vai ser. Se Arraes decidir disputar alguma coisa, será a reeleição para o governo de Pernambuco. O PSB teria ainda o prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro, como alternativa. Mas ele ainda é considerado inexperiente para disputar a Presidência.

“Célio de Castro é um político excepcional. Só que é cedo para se lançar num projeto como esse”, avalia Vivaldo Barbosa.

Sem Arraes ou Célio, não sobra escolha para o PSB, exceto o de participar de outra chapa, no máximo indicando o candidato a vice-presidente. Mesmo assim, o PSB acabou prejudicando sua imagem política ao apoiar a votação pela reeleição, contrariando a decisão tomada pelo Direção Executiva do partido. Dos partidos de oposição, foi o único a ter a maioria da bancada apoiando o projeto do governo. Tudo apenas para permitir que Arraes tenha a chance de disputar mais um mandato como governador. Arraes, no entanto, jura que não será candidato e que continua contra a reeleição.